Sobre o campo de irreverência de uma Escola Artística na renovação da educação artística

por RITA RAINHO e JOSÉ CARLOS DE PAIVA

Rita Rainho
Portugal/Cabo Verde (1968). Artista e investigadora. Doutoramento em Educação Artística (2016), Mestrado em Arte e Design para a Espaço Público (2011), Licenciatura em Artista Plástica (2009), pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal. Fez na Universidade Politécnica de Valência, Espanha um ano de especialização em Escultura como Comportamento – Arte Performance (2009). Inquieta nesta latitude poderosa, prolongou o seu trabalho para contextos no Sul na acção do 'movimento mundo social', dedicando-se a esfera expandida da arte comprometida com o mundo social, político e contemporâneo. Desenvolve vários projetos de investigação e criação, sobretudo em colaborações e co-autorias, apresentando estes trabalhos de curadoria, mediação em espaço público, vídeo e performance em vários contextos na Europa e em Africa.Foi professora de Arte e Design no M_EIA Instituto Universitário, Arte, Tecnologia e Cultura em Cabo Verde (2012-2016), tutora de workshops de vídeo no Instituto Superior de Arte e Cultura e na Escola Nacional de Artes Visuais em Moçambique (2009, 2011), e também com o Crioulas Vídeo na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas no Brasil (2007, 2008, 2017 e 2019). Co-fundadora do projeto PIF – Projetar a Independência no Feminino 2015 – ritual (projeto de investigação e criação promovido pela Universidade de Cabo Verde e Oficina de Utopias), bem como de Neve Insular em co-autoria com Vanessa Monteiro e co-promovido pela Associação Ayiro-pecuária de Madeiral e Calhau e pelo Centro Nacional de Arte, Artesanato e Design de Cabo Verde.É co-fundadora da Oficina de Utopias – Arte, Design e Arquitectura, Cabo Verde e membro integrado do Instituto de Investigação Arte, Design e Sociedade da FBAUP onde organizou dois livros, publicou inúmeros artigos e ensaios em revistas científicas internacionais, bem como participa regularmente em Conferências internacionais.

José Carlos de Paiva
Desde 2009 é Professor Auxiliar na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, director do Curso Doutoral em Educação Artística, investigador integrado do I2ADS e coordenador do NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA. Coordenador do movimento intercultural Identidades desde a sua fundação em 1996. Professor/ artista/ investigador.

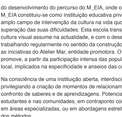


Foto d'autor dia' Pátio M_EIA, S. Vicente. Fotografia de Ângelo Lopes, 2007.

Resumo

O projecto de uma Escola Internacional de Arte (M_EIA) estabelecida no contexto precio da ilha de São Vicente, Cabo Verde, no início do século XXI, materializa uma complexidade conceptual onde se relacionam, num só cego, as controvérsias políticas da actualidade, na dimensão da sua globalidade e na precisão do local; a conflitualidade da arte e da cultura num panorama ambivalente onde a cultura visual se desequilibra entre o isolamento informativo e o acesso franco; o movimento solitário e comunitário por melhores condições de vida.

A comunicação centra-se num estudo partilhado do desenvolvimento do percurso do M_EIA, onde os investigadores incorporam a própria acção. O M_EIA constituiu-se como instituição educativa privada, reconhecida oficialmente, integrante no amplo campo de intervenção da cultura na vida quotidiana das comunidades e nos seus projectos de superação das suas dificuldades. Esta escola transpõe inquietude vinculada com o sentido que a cultura visual assume na actualidade, e com o desenvolvimento do território onde se encontra, trabalhando regularmente no sentido da construção de aprendizagens contextuais e articuladas com as iniciativas do *Atelier Mar*, entidade promotora. O *Atelier Mar* é uma ONGD caboverdiana que promove, a partir da participação intensa das populações, projectos de acção de desenvolvimento local, implicados na especificidade e anseios das comunidades.

Na consciência de uma instituição aberta, interdisciplinar, esta escola absorve experiências extremas, privilegiando a criação de momentos de relacionamento intercultural, controversos, antagónicos e de confronto de saberes e de aprendizagens. Potencia-se, assim, a construção de implicações nos estudantes e nas comunidades, em contraporto com a tendência de isolamento das aprendizagens em áreas especializadas, ou em abordagens estreitas e nócuas das técnicas, das gramáticas, dos métodos.

O M_EIA soltu um concreto de educação inovador, perseguindo utopias, jovem, experimental e experiencial, capaz de suspender as grandes verdades, num desafio de construção situada no sujeito, autoral e interferente no político.

Aula de desenho 1 no pátio M_EIA, S. Vicente. Fotografia de Rita Rainho, 2012.

O modo como se encara este estudo reflecte um processo bipolar e contaminante da relação da acção e investigação. A partir de práticas experimentadas e intercuturais, do domínio do vivenciál e da partilha franca de olhares e fazeres, interfere na construção do olhar e da cultura, no entender do local e da envolvente global. As relações estabelecem-se a partir do confronto das visões, assumindo a conflitualidades como produtor de intervenção e acção.

Assim, o estudo prevê um intenso envolvimento e partilha de experiências e desafios educativos, institucionais e relacionais no campo do político comprometido com as comunidades. Torna-se evidente a ânsia de testar e renovar os discursos, narrativas e experiências no campo da educação artística, âmbito no qual esta investigação-acção se insere.

Cabo Verde, *pelas suas singularidades geográficas e antropológicas, congrega um conjunto de particularidades que lhe conferem condição privilegiada enquanto espaço laboratorial para o exercício das confrontações culturais que, no contemporâneo, atravessam os desígnios profundos dos artistas. O país tem percorrido um caminho de desenvolvimento que lhe pide questões de vária ordem, uma das quais é o papel da cultura e o que deia se espera para melhor o enquadrar nos desafios e conflitos da modernidade e do globo. No campo da arte persistem preanças presas numa modernidade prolongada e manutenções tradicionalistas, tanto no que respeita aos produtos gerados e às teorias sustentadas, como quanto à sua importância como meio de conhecimento e de procura das potencialidades nacionais com vista a um desenvolvimento que reverta para a boa qualidade de vida dos cabo-verdianos e para a boa realização dos seus desígnios transnacionais.*

Paiva, José C. (2009:14)

Atravessando as geografias que separam as ilhas de Cabo Verde, em paralelo com as deslumbrantes e inquietantes montanhas onde se comprova a tenacidade com que o agropastor vence as agruras da natureza e de seu suor retira a sobrevivência, enfrentam-se, para quem se dispõrha a esse enfrentamento num tão novo País, as mesmas controvérsias de toda a parte, e persistentes procuras de caminhos – enfrentando a necessidade de na sua particularidade os sujeitos se entenderem como pertença implicada e este mundo controverso, dominado por políticas neoliberais geradoras de tanta exclusão e injuitiça.

Neste sentido pensar a Educação Artística, construir a possibilidade de desenhar uma nova Escola de Arte, só poda ter sentido na recusa dos caminhos que a herança colonial estabeleceu e que autonomiza a Arte num isolamento que a fecha dentro de si propria, e na dimensão crada por essa recusa, para se experenciarem outras possibilidades que se impõquem na luta persistente contra o infortúrio de um território, onde as secas sucessivas, a escassez de água frente ao paradoxo do imenso mar salgado que cerca as terras, a geografia rude e a utilização de técnicas rudimentares de trabalho tornam agreste o quotidiano, e, no mesmo sentido, correspondem ao modo audacioso e persistente como este povo sorridente e afável, leal e criativo, esfria as suas vidas. Com este enraizamento no local não se isolam as controvérsias contemporâneas que em todo o mundo pretendem esclarecer os processos de aprendizagem e buscam uma narrativa renovada para a Educação Artística que a solte da perseguição do 'modernismo' para o confronto franco das culturas dos tempos que se vivem.

A brina fresca que amenza o ar e cóa a luz das paisagens, solta-se do mar que cerca as ilhas, constituinte territorial privilegiado de interligação das populações que sempre se cruzaram e dos estrangeiros que chegam e partem. Este mar que gera a economia do movimento portuário, importante fonte de recursos, fornecendo a água para consumo urbano e oferecendo o peixe, determina uma cultura que através dos tempos soube escapar das suas fronteiras para se espalhar por todo o lado, num vai-e-vem constante que liga as populações ao mundo e à simultaneidade dos tempos, construindo capacidades inigualáveis de relacionamento internacional. E essa particularidade molda, por si, todos os desenhos que se pretendam esboçar de uma Escola de Arte, que só pode ser plena enquanto entidade aberta, navegável, aberta, contemporânea e internacional.

A evolução económica é política verificada neste pequeno estado insular, que regista progressos democráticos, elevando o país ao patamar internacional do desenvolvimento humano médio, consolida-se no sentido da relação entre o conhecimento, o poder e o desenvolvimento, dependente que está da capacidade de a população saber converter em vantagem a adversidade da sua pequenez física, da dispersão pelas dez ilhas e do seu isolamento. O perfil transnacional de uma população afro-europeia propensa à inclusão, ainda num forte sentimento de pertença e desígnio comuns, representam vantagens civilizacionais, em particular para o relacionamento internacional, exemplo de ensão entre povos, culturas e civilizações.

Retomando o sentido do *nativismo clardoso* o projecto caboverdiano legitima-se na confrontação democrática, através do exercício da liberdade individual, da participação cívica e do recurso privilegiado à educação e ao conhecimento.

A democracia encontra-se em perigo não apenas quando o consenso e a fidelidade aos valores que ela encarna são insuficientes, mas também quando a sua dinâmica combativa ñ travada por um aparente excesso de consenso que, normalmente, mascara uma apatia inquietante. É igualmente posta em perigo pela crescente marginalização de grupos inteiros, cujo estatuto de "subdasser" praticamente os coloca fora da comunidade política.

MOUFFE, Chantal (1993:17)

O *Atelier Mar*, com 29 anos de experiência na área de intervenção da cultura/desenvolvimento, chamou a si a responsabilidade de dar uma contribuição à problemática do ensino artístico no arquipélago e criou uma Escola Internacional de Arte, situada no espaço da formação universitária. Um projecto que tem sido longamente amadurecido, com a clara intenção da internacionalização do intento, projectando-a para parceiras e cumplicidades científicas com o tecido universitário com afinidades, de modo a promover o desenvolvimento criativo e qualificado de Cabo Verde, marcando presença no mundo, no campo das escolas de arte.

No contexto adequado e preciso do Mindelo, o *Atelier Mar* (ONG), com experiência nessa área de intervenção e profundamente implicada em projectos locais de desenvolvimento, onde as populações assumem a liderança e deles são promotores, decide assumir o desafio de criar uma Escola Internacional de Arte, sedada nesta cidade, na Ilha de São Vicente. Sabendo estar a esboçar uma utopia, desenvolvem-se contactos internacionais, conversas, recolhas de opiniões e de apoios, determinando desde logo que se pretenda constituir uma Escola de Arte, de natureza internacional, inovadora, não réplica de nenhuma outra. Com esse desafio de fundar a primeira instituição educativa no campo da Arte em Cabo Verde, se desenharam os primeiros contornos do seu perfil educativo, que se sustenta no *princípio de que a cultura e o desenvolvimento se condicionam mutuamente*, e se estabeleceram os princípios eixos de definição estratégia:

— Interesse em integrar o esforço de Cabo Verde de criação de uma rede de formação universitária, considerando a particularidade de se tratar de uma escola 'privada' promovida pelo Atelier Mar – ONG, o que determina um amplo campo de autonomia e abre um eixo de diálogo com as entidades oficiais: um esforço para o reconhecimento das graduações que se pretendem, a co-responsabilização na procura de um espaço para instalar as actividades;

A nossa luta é baseada na nossa cultura, porque a cultura é fruto da história e ela é uma força. Mas a nossa cultura é cheia de fraqueza diante da natureza. É preciso saber isso.

CABRAL, Amílcar (1974:121)

— Determinação na decisão de entender a instituição como não fechada na geografia nacional de Cabo Verde, mas estabelecer como eixo político fundamental a promoção de uma ampla rede de relacionamentos internacionais, que vinculem a sua actividade cultural e educativa à contemporaneidade, que não se contém em fronteiras mas se funda numa relação de simultaneidade do artístico com o tempo;

Mesma vivendo na mesma época, nem todos os homens vivem no mesmo tempo.

JIMÉNEZ, José (1997:9)

— Vinculação definitiva e estruturante do processo educativo à cultura, às lutas das populações implicadas na construção de melhores vidas, que determina um eixo não só de expressão curricular, de escolha dos Cursos, da organização dos Planos de Estudo, dos Programas, mas, e principalmente, de produção, de implicação quotidiana do decurso educativo nas acções e nos eventos em curso nas comunidades e de proximidade às populações;

(...) a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma "arqueologia". A cultura é uma produção....

HALL, Stuart (2003:43)

— Recusa da vinculação a uma estrutura de formação rígida e com incidência predominante em disciplinas, na autoridade do professor, e em sistemas de horários rígidos, favorecendo blocos abertos nas diversas áreas científicas, espaços de atelier e de oficina submergidos em 'projectos', gestão flexível de calendário e fomento de um relacionamento afável, participativo e civicamente implicado;

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.

FREIRE, Paulo (1996:33)

— Mobilização contínua de esforços para ampliar os recursos existentes, entendidos sempre como condição real mobilizável para a realização dos programas e não como carência paralizadora. Reside este esforço na ampliação dos relacionamentos de relacionamento internacional, no equilíbrio entre um corpo de 'professores residentes' e um alargado número de 'professores internacionais', na elaboração de um plano de formação de curto e médio prazo, na responsabilização de toda a comunidade escolar, implicando os estudantes na sua aprendizagem;

A consciência individual é, no nosso tempo, bombardeada, sendo anulada, por uma quantidade enorme de informação organizadamente encapsulada, cujo objectivo principal é produzir uma espécie de passividade colectiva aquiescente e inquestionada.

BARSAMIAN, David (2003:94)

— Considerando o estudante como um sujeito que constrói o seu próprio discurso e a sua condição autoral no enfrentamento das conflitualidades epistemológicas e empíricas, na procura de um posicionamento crítico fundamentado e arguto perante a imagem dominante que a todos inunda, no desenvolvimento do pensamento artístico divergente, estabelece-se como eixo a promoção de condições que possibilitem a experienciação de modos particulares de dar e encontrar sentido às experiências pessoais ou colectivas, ampliando a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação;

Adquirir um 'alfabetismo visual crítico' que permita a los aprendizes analizar, interpretar, evaluar y crear a partir de relacionar los saberes que circulan por los 'textos' orales, auráles, visuales, escritos, corporales, y en especial por los vinculados a las imágenes que saturan las representaciones tecnológicas en las sociedades contemporáneas.

HERNÁNDEZ, Fernando (2007:22)

— Responder aos que buscam conhecimentos pedagógico-artísticos, preocupados em estimular a sua capacidade humana de operar no campo criativo, com dispositivos educativos, profissionalmente qualificantes, numa perspectiva interdisciplinar que actualize e integre, e permita promover instrumentos para uma maior participação socialmente produtora, com ética e cidadania, em questões sociais, políticas, artísticas e culturais do contexto em que estão inseridos;

(...) as concepções de futuro desempenham um papel muito maior do que as ideias do passado nas actuais políticas de grupo. (...)

APPADURAI (1996:193)

— Entendendo a necessidade de possibilitar o reconhecimento internacional dos currículos, por instituições homólogas e parceiras internacionais, a mobilidade e empregabilidade dos diplomados e ainda a competitividade dos sistemas de formação superior, estabelecer como eixo estruturante a utilização do sistema organizacional de Bolonha, a promoção de um ativo nível de exigência científica e a participação no esforço internacional de renovação das narrativas sobre educação artística.

Et problema principal que hoy tienen nuestras escuelas y universidades es la narrativa dominante sobre la educación en la que se inscriben y en su dificultad de cambiarla.

HERNÁNDEZ, Fernando (2007:9)

— Reconhecendo a imprescindibilidade da investigação, determina-se a criação de um Centro de Estudos Transculturais *para cumprir plenamente os seus desígnios.*

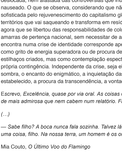
O estilo, num grande escritor, é sempre um estilo de vida, de maneira nenhuma qualquer coisa de pessoal, mas a invenção de uma possibilidade de vida, de um modo de existência.

DELEUZE, Gilles (1972/90: 139)

Aula de desenho 2 Rita R_EIA, S. Vicente. Fotografia de Rita Rainho, 2012.

O M_EIA tem cinco anos de funcionamento. Graduou um primeiro grupo de estudantes como professores de educação visual, que se encontram a lecionar espalhados pelas diversas ilhas de Cabo Verde e comprovam aí a boa formação recebida estabelecendo uma postura renovada nas escolas onde estão colocados. O governo de Cabo Verde e as instituições oficiais reconhecem a escola, aprovaram os seus cursos de licenciatura e legitimam a sua formação. No ano de 2007 iniciaram-se as licenciaturas em Artes Visuais e em Design (ramo de Equipamento e de Comunicação), onde se perseguem as linhas gerais traçadas inicialmente, confrontando as dificuldades, desenhando um caminho próprio. No ano transacto realizou-se uma pós-graduação em cinema, com estudantes e docentes dos diversos continentes.

O conjunto de professores residentes e convidados, os estudantes inscritos, as instituições universitárias internacionais que por protocolo assinado se tornaram parceiras do projecto, as comunidades envolvidas, constituem a base do seu sucesso educativo, estabelecido num projecto educativo contemporâneo, criativo e pleno de responsabilidade pelo futuro, numa plenitude de audácia que partilho e tenho o prazer de saudar.



Inauguração de exposição 'Tra V, partilá pa ovil', Fotografia de Rita Rainho 2012.

O transporte e o nivelamento da realidade, das situações e dos acontecimentos na representação não correspondem ao acontecido, assumem apenas uma forma suprema de alienação. E a angústia alimentada pela falta de sentido do tempo, ainda que forjada na solidão, transfere para a consciência discarada uma latente carga de instabilidade. *Naturalmente é conveniente para a sociedade global, liberal de mercado, que se transforme a experiência efectiva em representação e em consumo, anulando com a presença de uma ideologia submersa em hipocrisia a percepção das condições de exploração material e cultural das vidas humanas.*

Paiva, José C. (2009:33/34)

O projecto desta escola, distante da universidade onde pertencemos, não se encontra em nada resistente à institucionalização em modelo do seu processo educativo, implicando os sujeitos que compõe a sua comunidade educativa, entendida para o relacionamento amplo com as comunidades com quem cruza a sua acção, tomam mais vistos e encaralaje o entendimento de como a luta por uma democracia radical se suporta em cidadãos, sujeitos implicados, emancipados, ligados intimamente ao seu meio e navegadores pelas geografias possíveis. E nesta consciência, que remete para o político como condição da própria emancipação do sujeito (Mouffe, 1993), por onde se rompem, pela inventividade, os caminhos traçados, que se ensaiam novas possibilidades, se evidencia a persistência e determinação, equinianete aos camponeses que face a uma suposta tênue de chuva, se espalham pelas montanhas agrestes de Cabo Verde, semeando uma não de feijão, nunca deixando de aproveitar a mínima possibilidade de boa colheita.

(Comunicação apresentada nas 1ss Jornades d'Investigació en Arts Visuals, Barcelona, Espãna.)

por Rita Rainho e José Carlos de Paiva
Vou lá visitar | 23 Maio 2012 | artes, cabo verde, documental, educação artística, escola

Share

Publicado sob uma Licença Creative Commons

Artigos relacionados

"Toda a terra tem um nome, e preciso anunciá-lo", entrevista a Wellet Bungué

Poéticas africanas da lusofonia portuguesa: língua, engajamento e resistência

Mário Lúcio Sousa e o pão feito pelo diabo

OUTROS BARROS: as intervenções nos barros de Alto de Bomba, Covada de Bruxa e Fernando de Pó

I am not here: eu estou aqui notas sobre um corpo-lugar ocidental

Artigos do autor

Sujeitos a um corpo sem voz. Sujeitos de um corpo voz